

A negociação da dívida empacou. Dauster já está de volta.

Apesar dos desmentidos do negociador extraordinário da dívida externa, embaixador Jório Dauster, as negociações mantidas em Nova York com o comitê dos bancos credores ameaçam deslizar do impasse para a confrontação. Uma alta fonte do Ministério da Economia, ouvida pelo **Jornal da Tarde**, confirmou ontem que a ministra Zélia Cardoso de Mello chamou Dauster de volta ao Brasil — e, mais que isso, revelou que a decisão da ministra foi tomada após uma consulta com o presidente Fernando Collor.

“Impasse é quando alguém ou algo não passa mais”, afirmou ontem didaticamente o embaixador ao final de mais um dia de reuniões infrutíferas com os credores. “Até o dia em que não houver uma reunião marcada não haverá impasse”, acrescentou, sem confirmar se as conversações continuam no fim de semana. Dauster desmentiu que tenha sido chamado de volta pela ministra da Economia, mas segundo a fonte ouvida pelo **JT** é justamente com Zélia que o embaixador deverá manter sua próxima reunião — em Brasília, na segunda-feira — para relatar sobre o andamento das negociações.

A decisão de chamar de volta o embaixador Jório Dauster aparece como um resposta à atitude dos credores diante da proposta apresentada na semana passada pelo governo brasileiro — pagamento de US\$ 940 milhões dos juros atrasados até o final do ano e de 25% dos juros com vencimento entre janeiro e março de 91. Os bancos se mantiveram inflexíveis numa fórmula que, segundo o embaixador, significa um desembolso de US\$ 4 bilhões até março e mais US\$ 1,7 bilhão até o final de 91 — mais da metade das reservas cambiais do País.

A passagem do impasse à confrontação parece ter começado na reunião de quinta-feira, quando Dauster teria sido insultado por um dos banqueiros. Depois de ter conversado por telefone com a ministra da Economia, o embaixador teria recebido um segundo telefonema de Brasília, segundo revelou a fonte ao **JT**. Zélia teria ponderado ao presidente Collor sobre a inutilidade de manter as reuniões em Nova York e em seguida, com aval do Planalto, ordenou o retorno de Dauster.

A impressão formada na equipe econômica é que por trás

da intransigência existe uma expectativa dos credores de que o presidente Collor promova em breve uma mudança no Ministério da Economia, e conseqüentemente no time de negociadores da dívida. Este é o teor de uma reportagem publicada pela revista interna da importante corretora nova-iorquina Salomon Brothers. Além disso, os banqueiros contam com alguma mudança na posição brasileira como resultado da visita ao País do presidente George Bush, que chega a Brasília segunda-feira.

“Eles estão apostando na queda da ministra”, confirmou ao **JT** a fonte do Ministério da Economia. “Mas o fato de o presidente Collor ter concordado com a volta do embaixador Jório Dauster mostra que a ministra continua gozando da plena confiança do presidente”, argumentou. De acordo com o assessor, carecem também de fundamento as especulações em



Arquivo/AE

Dauster: insultos, desmentidos e clima tenso com os credores.

torno da visita de Bush ao Brasil. “A disposição de só pagar aquilo que o superávit do Tesouro permitir continua de pé”, garantiu a fonte, reafirmando o controvertido conceito de capacidade de pagamento, pilar das duas propostas feitas pelo País.

Os argumentos do governo encontram reforço na queda de 3,85% registrada entre janeiro e setembro pelo PIB brasileiro, mais um fator que compromete a capacidade de pagamento do País. “Os grandes bancos estão em péssimo estado financeiro e precisam de dinheiro do Brasil”, afirmou ao correspondente **Régis Nestrovski** o analista financeiro britânico Donald Last, que no entanto estranha a intransigência dos credores. “Eles estão jogando um pôquer alto quando pedem US\$ 2,5 bilhões e recusam os US\$ 940 milhões que estão sobre a mesa.”